

# THE WILD BUNCH / 1969

## A Quadrilha Selvagem

um filme de Sam Peckinpah

**Realização:** Sam Peckinpah / **Argumento:** Sam Peckinpah, Walon Green, segundo uma história de Walon Green e Roy N. Sickner / **Fotografia:** Lucien Ballard / **Montagem:** Louis Lombardo / **Direcção Artística:** Edward Carrere / **Efeitos Especiais:** Bud Hulburt / **Música:** Jerry Goldsmith / **Intérpretes:** William Holden (Pike Bishop), Ernest Borgnine (Dutch), Robert Ryan (Deke Thornton), Edmond O'Brien (Sykes), Warren Oates (Lyle Gorch), Ben Johnson (Tector Gorch), Jaime Sanchez (Angel), Emílio Fernandez (Mapache), Strother Martin (Coffer), L. Q. Jones (T.C.), Albert Dekker (Harrigan), Bo Hopkins (Crazy Lee), Alfonso Arau (Herrera), Chano Urueta (Don José), Elsa Cardenas (Elsa), Sonia Amelio (Teresa)

**Produção:** Phil Feldman, para Warner Bros-Seven Arts / **Cópia:** da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35mm, cor, versão original legendado eletronicamente em português, 134 minutos / **Estreia Mundial:** Junho de 1969 / **Estreia em Portugal:** Império, 26 de Novembro de 1969

---

**The Wild Bunch** foi um dos filmes que mais polémica levantou, um pouco por todo o lado onde foi exibido, criticado, principalmente, pelo "excesso" de violência. O filme de Peckinpah surgia num momento peculiar tanto a nível estético, no cinema, como social. A "violência" do filme e a forma como ela foi encenada são reflexos desse estado de coisas. A esse nível **The Wild Bunch** é um filme incontornável e uma das obras mais importantes do cinema da década de 60. Contudo, aquilo que mais se destacou, entre os espectadores, não era uma inteira novidade. A encenação quase "ballética" das cenas de acção (em particular o grande combate final) com as quedas e mortes em "slow motion", a que a montagem veloz emprestava um movimento de "dança", tinha um antecedente, não menos famoso (e polémico), apesar da sua brevidade: o final de **Bonnie and Clyde** que Arthur Penn realizara dois anos antes, filme que provocou uma polémica maior, trazendo para a arena personalidades de outras áreas culturais (como José Régio, entre nós). Mas, ao contrário do filme de Penn, sobre o qual as opiniões parecem ter pacificado, no que se refere a **The Wild Bunch** a polémica permanece. Menos aguda, talvez, mas não menos evidente. Quando, 20 anos depois, Martin Scorsese quis relançar o filme na sua cópia em 70mm, o MPAA (organismo que atribui as classificações etárias aos filmes) recusou-se a baixar a classificação de 1969 ("R"), o que levou a Warner a recuar no projecto. Tal como Arthur Penn para o final de **Bonnie and Clyde**, também Peckinpah usou de velocidades diferentes para filmar as cenas de acção. Mas no seu caso, e principalmente para a famosa sequência final, aplicou seis câmaras, Panavision, Mitchell e Arriflex, filmando a velocidades diferentes e todas com lentes diferentes (grandes angulares, zoom, tele-objectiva, etc). A montagem rápida (a quantidade de cortes de plano a plano no filme é, segundo David Cook, 3642, num tempo em que um filme "normal" usava cerca de 600) dos planos de uma acção, usando as diferentes velocidades de forma progressiva, dão ao movimento uma cadência inusitada, uma espécie de "pulsção" própria, inédita em qualquer outro filme contemporâneo, tendo apenas paralelo, no passado, com a montagem da sequência das escadarias de Odessa em **Bronenosets Potiomkine**, de Eisenstein (1925).

Mas a reacção ao filme tinha outras razões. A exposição da violência trazia, para o ecrã, fantasmas de uma violência real que fez da década de 60 uma das mais dramáticas e trágicas da história dos EUA, com a série de assassinatos políticos dos irmãos Kennedy e Martin Luther King (em que a televisão começa a ter o papel de levar aos lares americanos, quase em "directo", senão mesmo em "directo", como o assassinato de Lee Oswald), o combate dos negros pelos seus direitos, no interior, e, principalmente, o atolamento progressivo do exército americano no Vietname. O mal-estar que o filme provocou não deriva tanto de ser uma "denúncia" da interferência americana no Sueste asiático, como se via alegoricamente

noutros westerns da década, antes (**The Professionals/Os Profissionais**, de Richard Brooks, 1966), e depois (**Little Big Man/O Pequeno Grande Homem** de Arthur Penn e **Soldier Blue/Soldado Azul** de Ralph Nelson, ambos de 1970), mas antes de mostrar como as pulsões assassinas se manifestam e tornam incontrolláveis (o massacre de Mi Lai é de 1970).

Para lá dessa chamada "orgia" de violência que muitos dizem representar **The Wild Bunch**, o filme de Peckinpah mostra a permanência de uma forma de ver as relações entre os homens, os laços que os ligam num grupo determinado e, em particular, a ferida da amizade traída, que encontramos em toda a obra do realizador. **The Wild Bunch** é o seu quarto filme numa carreira iniciada em 1961 com **The Deadly Companions/Companheiros da Morte**, mas Peckinpah trabalhava já em funções diferentes desde 1954, principalmente em filmes de Jacques Tourneur e Don Siegel (**The Invasion of the Body Snatchers/A Terra em Perigo**, por exemplo), dirigiu episódios de séries televisivas e chegou a estar indicado para realizar **One-Eyed Jacks/Cinco Anos Depois**, sendo substituído primeiro por Stanley Kubrick e depois por Marlon Brando (mas repare-se que **One-Eyed Jacks** tem um tema muito "peckinpahiano": a amizade traída). É com o segundo, **Ride the High Country/Pistoleiros da Noite**, que **The Wild Bunch** tem maiores afinidades, representando, inclusive, uma espécie de "desenvolvimento" do mesmo tema. Em ambos os filmes estamos já no século XX (**Ride the High Country** nos primeiros anos, **The Wild Bunch** em meados da segunda década), por eles passam alguns sinais de modernidade, o automóvel faz uma insólita aparição no primeiro, e é mais imponente no segundo onde se refere já a existência de "máquinas voadoras" a usar na guerra). Em ambos estamos, face a um grupo de homens ultrapassados pelo tempo, sobrevivendo, mais do que vivendo, nos tempos modernos, segundo códigos do passado. Pike (William Holden) e Deke (Robert Ryan) cavalgaram juntos até o segundo ser preso numa emboscada de que o primeiro consegue escapar. Mais tarde Deke acaba por ser aliciado pela polícia dos caminhos de ferro para capturar Pike. Fã-lo para escapar à cadeia, para onde não quer voltar (uma plano mostra-o a ser torturado na cela), não por qualquer animosidade ou rivalidade com Pike. É um "trabalho", tal como é, para o personagem de Joel McCrea, levar o ouro da mina para o banco. Em **The Wild Bunch** Pike e Deke "desdobram" o personagem de McCrea no outro filme. Ambos são homens do passado, seguindo os velhos códigos, nos quais o mais importante é o respeito à palavra dada. É por isso que Pike e Deke se "entendem" mesmo afastados e em campos opostos (a simultaneidade dos flash-backs do passado comum) e Deke pode engrossar o grupo de guerrilheiros índios mexicanos ao lado do velho Sykes, como faria Pike se tivesse sobrevivido, porque está cumprida a palavra dada, mesmo que não tenha sido responsável pela morte dos membros da quadrilha. E também por uma espécie de redenção face à memória de Pike, cujo destino naquela épica matança, vê-se que inveja. Já Dutch (magnífico Ernest Borgnine) é aqui o equivalente da personagem de Randolph Scott em **Ride the High Country**. Mais realista mas também mais sentimental. Dedicado a uma pessoa, mas não a uma "ideia", um "código". O diálogo chave destes três personagens tem lugar entre Pike e Dutch quando falam de Deke que os persegue. Diz "Pike: "Ele deu a sua palavra". Responde Dutch: "O que importa é a quem se dá a palavra". A primeira afirmação implica a aceitação da "lei" e do "código" contra quaisquer outros valores. A segunda apenas a aceitação da amizade, capaz de tudo, inclusive de morrer ao lado do amigo. Dutch não precisa de dizer nada, quando Pike olha para ele no começo da marcha final. Um sorriso rasgado de Dutch mostra a compreensão total e que está imediatamente ao seu lado, sem reflexão. Os irmãos Gorch seguem-nos em grande parte, por instinto, naquele movimento gregário que empurra um grupo para um destino comum.

Uma nota final para a duração da cópia que vamos ver. Quando se estreou comercialmente **The Wild Bunch** apareceu com 135 minutos (correspondentes à versão da cópia que vamos ver). O filme foi repostado em 1981 com 141 minutos, mas foi lançado em vídeo com a duração da estreia de 1969, 145 minutos. O que a reposição trouxe a mais é pouco significativo: não precisamos, por exemplo, das cenas do bordel, para compreendermos os laços que ligam Pike e Deke, assim como são inúteis um ou outro *insert* (a evocação de Crazy Lee durante a viagem pelo deserto). Já a sequência que falta (os quatro minutos de diferença entre a cópia da reposição e a original) era mais sugestiva, pois mostra o ataque dos villistas às forças de Mapache, deixando este em dificuldades, o que explica a urgência das armas que o grupo de Pike vai roubar. De qualquer forma, seja uma ou outra versão, estão ambas longe da primeira montagem do filme, de 190 minutos, que o próprio realizador cortou (para 145) dadas as reacções verificadas no público das "previews".

Manuel Cintra Ferreira